



**NOTA DA COMISSÃO POLÍTICA DO COMITÉ CENTRAL
DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS
SOBRE
A CAMPANHA DE CALÚNIAS CONTRA A LUTA
DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL**

1. A luta dos trabalhadores da construção civil saiu-se por uma muito grande vitória. A grandiosa manifestação de Lisboa e as outras manifestações realizadas em vários pontos do país, a concentração poderosa mantida ao longo de 36 horas junto do Palácio de S. Bento, a greve de três dias que antecedeu estas acções, a activa solidariedade que, aos trabalhadores da construção civil, foi prestada pelas massas trabalhadoras e as forças progressistas, acabaram por vencer as resistências de toda a ordem, levantadas tanto pelo patronato como pelo Ministro e Secretário de Estado do Trabalho, e conduziram a um triunfo de grande significado para toda a classe operária portuguesa.

O PCP saúda, de novo, os valentes trabalhadores da construção civil, cujo sucesso assenta na unidade, na combatividade e na firmeza, mas também na vigilância e serenidade revolucionárias, de que deram provas.

2. Está agora claro que a frenética e histórica campanha de calúnias e desinformação desencadeada pelos partidos reaccionários — PPD e CDS, em associação com o PS —, tinha em vista não apenas impedir que os trabalhadores da construção civil alcançassem as suas reivindicações, mas tomar como pretexto a sua luta destemida para forçar uma nova guinada à direita nos órgãos do poder político e militar.

Lançando falsas ideias, como a de que uma luta transparentemente laboral era um ataque ao VI Governo e que uma gigantesca mas pacífica manifestação reivindicativa era o prelúdio do assalto ao poder pelos «partidos minoritários», o PPD, o PS e o CDS procuraram levantar uma onda de poeira que ocultasse os graves erros cometidos pelo Ministério do Trabalho e pelo próprio Governo no tratamento do caso da construção civil e, ao mesmo tempo, pressionar e justificar uma intervenção armada contra os trabalhadores.

Os objectivos daqueles partidos não foram alcançados porque, de um modo geral, os seus apelos melodramáticos para que o «povo descesse à rua» não foram escutados, nem seguidos.

Em Lisboa assistiu-se à significativa comparação entre os minúsculos grupos de activistas do PPD e do PS que vagueavam pela cidade, mentindo e praguejando contra os trabalhadores da construção civil, e a grandiosa concentração operária em S. Bento. A teoria das minorias ganha, depois disto, uma ressonância ridícula.

Mas no Porto, onde os esforços conjugados do PPD, do CDS, do PPM e do PS, e seus satélites provocatórios MRPP e AOC, conseguiram reunir uns milhares, embora magros, de fanáticos reaccionários e onde o Comandante da Região Militar do Norte se aprestou a falar-lhes, viu-se quais são os verdadeiros objectivos daqueles que se procuram apresentar ao povo português como campeões da liberdade e defensores da paz e da concórdia.

O assalto e a destruição da sede da União dos Sindicatos do Porto, o assalto e ocupação das instalações do Rádio Clube Português, no Porto, o apedrejamento e ameaça de assalto da sede da UEC, no Porto, e do Centro de Trabalho do PCP, no Bonfim, aí estão a atestar aonde conduziram os apelos do PS, PPD e CDS, com a cúmplice intervenção das forças militares do comando do brigadeiro Pires Veloso.

3. Os acontecimentos da madrugada de 14, no Porto, denunciam flagrantemente as responsabilidades do PPD e do CDS, mas também do PS, na criação do clima de violência em que o país vive desde há meses.

Os comunicados desses partidos, de modo especial os do PPD, onde nem faltam os apelos à confrontação entre o Norte e o Sul e à guerra civil, apontam todos para o grande objectivo que acalentam as forças da direita: a intervenção militar violenta contra as lutas dos trabalhadores e as organizações revolucionárias.

Um outro objectivo dos meios conservadores transparece no apelo à ingerência estrangeira feito, através de uma emissora francesa, por Jorge Campinos, Ministro do Comércio Externo, dirigente do PS, discípulo fiel da social-democracia de direita.

4. Os planos da direita, tal e qual como a conspiração reaccionária, estão condenados ao fracasso. Ergue-se ante eles um movimento de massas em desenvolvimento, assente na unidade da classe operária e dos trabalhadores, nas movimentações de soldados, sargentos e oficiais progressistas, na aproximação crescente das forças revolucionárias civis e militares. Urge consolidar estas tendências positivas.

14 de Novembro de 1975

**A COMISSÃO POLÍTICA DO COMITÉ CENTRAL
DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS**